ANO 8.º — Sexta-feira, 27 de Agosto de 1915 — NUMERO 385

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões — AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

Um crime

Na sessão parlamentar do dia 20 do corrente, o sr. ministro das Colonias leu á câmara um telegrama recebido do comandante em chefe das forças portuguêsas em operações na provincia de Angola, do teor seguinte:

Fui atacado com muita violencia pelo gentio do Cuanhama na Mongúa, a 45 quilometros de M'xiva e a 60 quilometros do Humbe, pelas 9 horas e meia do dia 18, durando o fogo duas horas e meia, sendo por fim o inimigo repelido e perseguido pela cavalaria.

Tivémos 30 feridos, entre os quaes 6 oficiaes, 6 soldados europeus mortos e outros tantos indigenas.

A violencia do fogo originou um grande consumo de munições que, reunido á falta de agua e á dificuldade do seu abastecimento, me coloca em situação grâve exigindo demora na Mongúa para poder proseguir.

E' urgentissimo tudo quanto para ai tenho pedido, sob pena da situação ser desesperada.

O ultimo periodo da comunicação teve um éco doloroso e profundamente desolador — por nós falamos — no coração de todo o povo português.

Chega a parecer-nos que a razão e o brio de quantos superintendem nos destinos e no bom nome da Patria, se ofuscou e morreu!

Convencemo-nos, sem vacilações, que a expedição á Africa, composta de milhares de homens que para ali desde dezembro tem marchado, atingindo um numero como jámais se reunira, não passou dum simples pretexto para justificar o esmagador dispendio de quarenta mil contos! Quarenta mil contos gastos; os olhos do mundo inteiro sobre o movimento e avanço da formidavel expedição que, barra fóra, em sucessivos barcos cheios de soldados, de léz a léz, partia entre as aclamações fervorosas e patrioticas do povo; a imprensa semi-oficiosa, relatando em estilo bombastico os preparativos de toda a especie, a série minuciosa de providencias adoptadas para que o exito, que era nem mais nem menos que o aniquilamento dos alemães, que a 18 de dezembro do ano findo tinham assaltado as nossas forças, fosse o mais completo possivel.

Como ultima nota da regularidade sempre observada e que devia fatalmente concorrer para a vitoria final e desidiva, os modernos legalistas lembram-se que a totalidade das forças não podia, sob pena de grâve ofensa á disciplina, continuar sob a direcção suprema dum tenente-coronel! Não podia ser! Esse tenente-coronel era profundo conhecedor da sua missão, do vastissimo campo das operações, que se iam efectuar, dos costumes, do metodo de combate do inimigo indigena, o primeiro a combater para atingirmos os alemães, que seriam reduzidos a pó? Era o homem já tantas vezes experimentado brilhantemente no campo da luta, batendo-se com toda a valentia e salvando sempre o bom nome português, como no referido assalto de Naulila?

Mas que era isso tudo comparado com a gravissima ofensa á disciplina — a falta de patente — que, para o caso, era a chave misteriosa do resultado completo da campanha?

Nada, absolutamente.

A França conquistou Dahomé, tendo os seus milhares de soldados como chefe supremo o simples major Dodds, oficial que para Dahomé foi o que Roçadas é para Angola — um perito de alto valor e compléto conhecimento.

Mas isso é lá para a França onde tudo corre á matroca, sem ordem nem lei... E sem mais considerações, a não ser aquelas que se bordaram em volta do respeito ao principio da disciplina, lá marchou para Africa o decantado general, com luzido estado-maior, levando nos seus galões doirados todo o plano para o aniquilamento dos nossos inimigos — brancos e pretos!

Em Mossamedes, onde s. ex.ª fez o seu quartel-general, esteve cêrca de quatro mezes, passando constantes revistas ás tropas, e de tempos a tempos boquejava-se nos grandes preparativos que ha oito longos mezes se estavam fazendo, de general á frente, especialmente quando se apresentavam ás camaras pedidos de novos creditos, sempre em numeros redondos de dezenas e dezenas de contos!

O tenente-coronel Roçadas, magoado, ferido no seu amor proprio, tão digno de respeito e de admiração, retirou-se e com ele todos os oficiaes que compunham o nucleo dos experimentados em outras campanhas, que pela deficiencia de gente e de dinheiro, se tornaram bem mais penosas e dificeis do que esta, que se temos de atender á grandeza da sua acção, é cérto que para ela tambem existem e lá deviam estar todos os elementos precisos, indispensaveis.

A retirada desses homens deixou nos corações de quantos compreendiam o erro enorme, indisculpavel, crimininoso, que se praticou, um vacuo, de mistura com o antecipado e vago receio do que a triste realidade, traduzida nos termos do telegrama acima, veiu confirmar: um desastre!!!

Tudo o que aqui referimos, foi-nos por mais duma vez dito em cartas, por quem, apesar da sua situação modesta, tem, todavía, olhos de vêr, coração de português para sentir.

Temos presente o *relatorio da campanha dos Cuamatas no sul de Angola em 1907*, campanha que resultou do desastre sofrido pela expedição sob o comando do capitão de engenharia Manuel Maria de Aguiar e na qual, junto com tantos outros, perdeu a vida o nosso conterraneo tenente Rezende. A paginas 117 lêmos o seguinte que escreveu o então capitão Roçadas, a 27 de Agosto daquele ano:

> Estava travado o duelo ha tres anos esperado. Tanto dum como doutro lado se presentia que era uma luta de vida ou de morte. Tambem por isso o inimigo congregava toda a sua força propria e a dos visinhos. Estavam ali os cuamatos, cheios de força moral, nosso tradicional inimigo, a mais aguerrida das tribus de além Cunéne, a ponto de ser temida do proprio cuanhama e evale. Estavam ali os cuanhamas, que apesar das suas bôas relações comnosco, se ligaram na defêsa comum. As informações disséram que Nande mandára alguns dos melhores lengas, com 3:000 a 4:000 homens bem armados. Estavam ali os cuambis, atrevidos guerreiros, destemidos sobretudo no choque á arma branca. Estavam ali, emfim, os ganguelas, barantus e hingas.
>
> Um bloco de uns 20:000 homes, de um lado, e umas 1.600 espingardas do outro, quasi 1 contra 13, 10 bocas de fogo e 4 metralhadoras, com um total de 2:298 homens, mas apenas 1:600 espingardas uteis na linha de fogo.
>
> De toda a orla do mato, num circuito de mais de 4 quilometros, o inimigo vomita um chuveiro de balas. E tendo o fogo começado ás 9,45 da manhã, á 1 hora da tarde continua menos intenso, chegando a cessar em alguns pontos do campo inimigo.
>
> . . . .
>
> Quasi ao caír da noute trocavam-se ainda tiros mas o inimigo estava absolutamente vencido.
>
> Tal foi o combate de Mufilo, uma verdadeira batalha, pódo dizer-se. Custára-nos cara a vitoria: 68 homens fóra do combate, sendo mortos 13, dos quaes um oficial, o veterinario Pereira e 2 indigenas e 55 feridos. As perdas em solipedes foram 35, dos quaes 16 mortos.

Facilmente se vê e deduz do proprio telegrama do sr. general Pereira Eça, que apesar das 2 horas e meia de fogo e do reduzido numero de feridos e mortos, acção que não póde ter confronto com tantas outras travadas no solo africano, esgotaram-se as munições, como nesse tristissimo documento se confessa, creando-se por isso para esses milhares de homens uma situação grâve, que a não ser dado remedio pronto, que ignorâmos como, passará a ser desesperada!

Se isto não é um autentico crime, imperdoavel e vergonhoso, avolumado com todas as agravantes que para ele concorreram, que nos digam os que se não envergonhem de confessar a sua nacionalidade.

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Films...

Conflito

Por causa dumas bandeiras que a Escola de Torpêdos do Vale do Zebro não quiz emprestar a um deputado da maioría para determinada festa no Seixal, houve entre este e o sr. ministro da Marinha, relatam alguns jornaes, troca de palavras azedas, discussão que só terminou quando o deputado foi posto fóra do gabinête do ministro, consoante as ordens recebidas.

Imagine-se como tudo isto anda, continua a andar, fóra dos eixos — até já as bandeiras dão pretexto a disputas que sobre serem ridiculas não honram quem as provoca, invocando de mais a mais a sua qualidade de revolucionario de 14 de Maio.

Ora bólas!

E agora?

Noticias de Lourenço Marques, rapidamente espalhadas na metropole, asseguram ter sido eleito deputado por Moçambique com o apoio de todos os partidos, o sr. dr. Alfredo de Magalhães, professor da faculdade de medicina do Porto e um tenaz propagandista republicano nos tempos saudosos — pelo menos nós consideramo-los assim — da adversidade.

Vâmos ter, pois, de novo na vida activa da politica, de que estava afastado, o director do *Rebate*, muito embora a sua presença no Parlamento não agrade a determinados.

Mas não ha outro remedio: teem de grama-lo...

Significativo

Assinado pelos deputados por Aveiro dr. Elisio Sucêna, dr. Marques da Costa e Ernesto Navarro foi apresentado um dia dêstes ao parlamento o seguinte projecto de lei que vai seguir os tramites do estilo:

> Artigo 1.º — E' autorisado o governo a fazer construir nas condições do contrato de 5 de fevereiro de 1907 o ultimo troço do ramal de Aveiro da linha do Vale do Vouga, compreendido entre a estação atual de Aveiro e o canal do Côjo, sendo a respectiva extensão acrescentada á da linha em exploração para efeitos da clausula 51.º do mesmo contrato e concedendo-se á emprêsa os terrenos pertencentes ao Estado, no largo do Côjo, os necessários para a linha, estação e suas dependencias, com a condição de ser esta dotada com as instalações necessárias, tanto para o tráfego terrestre, como para o maritimo.

O *Camaleão* no ultimo numero acupa-se tambem do assunto, deixando, todavía, no olvido os nomes dos proponentes apesar de autenticos correligionarios seus.

E' que lá na casa, *incenso aos cardumes*, só para o sr. Barbosa de Magalhães. Não chega a mais...

Pergunta e resposta

A proposito daqueles 3:736$00 com que o parlamento quiz ter a generosidade de pagar à João Chagas o seu altivo gesto, não se prestando, como ministro junto da Republica Francêsa, a servir *ditaduras nem ditadores*, o sr. Forjaz de Sampaio diz, numa cronica da *Lucta*, que *o sr. João Chagas apanhou a taluda: tres contos e pico num gesto de tres assobios*. E pergunta: *Porque recebeu o sr. João Chagas aquele dinheiro fabuloso?*

Resposta da *Montanha*:

> «O sr. Albino Forjaz de Sampaio deve saber porque motivos o parlamento da Republica resolveu mandar pagar ao nosso ministro em Paris, os vencimentos a que tinha o mais absoluto direito. Mas se não sabe, vâmos dizer-lhe:
>
> E' que o sr. João Chagas, quando viu a Republica, que ele ajudara a fundar com uma acção revolucionaria incomparavel, prestes a ser entregue, de mãos atadas e corda na garganta, á escumalha monarquica e reaccionaria que até 5 de Outubro enchera este pais de vergonha e ignominia, nobremente declarou que não se prestava a servir ditaduras nem ditadores;
>
> é que o sr. João Chagas, para servir a causa da Republica subiu *de rastos todos os calvarios*;
>
> é que o sr. João Chagas, quando a Patria reclamava mais uma vez os seus serviços de grande português dotado de um talento admiravel e de singulares qualidades de estadista, era vitima de um infamissimo atentado que o punha durante largos dias ás portas da morte;
>
> é que João Chagas, sendo um escritor ilustre, foi o presidente do primeiro ministério constitucional da Republica e o seu primeiro representante junto do Govêrno da Republica Francêsa, onde durante anos prestou serviços de alta valia;
>
> é que João Chagas, sr. Forjaz de Sampaio, não tem fortuna, vive do seu trabalho — trabalho honrado e fecundo — e prestou com o seu gesto de renuncia um enorme serviço á Patria e á Republica.»

Pois exatamente por tudo isto que a *Montanha* aponta é que nós queriamos vêr o ultimo gesto, que tanto enobreceu o velho revolucionario, livre da mancha que enodoou a sua isenção de sacrificado.

Anónimos

Tem-se multiplicado nos ultimos tempos as cartas e bilhetes anónimos que chegam a esta redacção, pelo que de novo avisâmos os seus autores de que é tempo perdido e papel mal gasto. Informações dessa naturêza não são admissiveis, além de tudo porque representam sempre uma iniquidade da parte de quem atira a pedra, escondendo a mão...

Não contem, portanto, os anónimos serem atendidos. De mascara fóra, sim. Com a cara tapada, ocultos na sombra, representando o papel do facinora que, ao dobrar duma esquina, espreita a sua vitima para, traiçoeiramente, lhe enterrar o punhal no peito, hão-de concordar que é deprimente e está abaixo de tudo que constitua caracter, honra, probidade.

Que eles nos descomponham, nos chamem nomes feios, nos ameacem, nos enxovalhem; que pretendam mesmo estabelecer a discordia na familia, como por mais de uma vez a malandragem desta nossa amada e querida Aveiro tem tentado, mas não tenham a veleidade de supôr que os acolhemos como se acolhe uma pessoa de bem que toma a responsabilidade dos seus actos e em todos os campos, e em todas as conjunturas aparece a dar a razão do seu dito.

Por isso, anónimos — ao largo!

Pasquins

Anda uma récua de malandros de novo empenhada em fomentar a desordem contra as instituições, servindo-se para isso de todos os processos, ainda os mais baixos, como o demonstra a série de pasquins anonimos ultimamente espalhados com acusações de vária naturêsa — *em nome da Verdade, em nome da Justiça, em nome da Humanidade* — que semelhantes pulhas só fazem por comprometer, invocando a sublime triologia.

E' pena que esses *patriotas* não assinem o que escrevem e sejam tão *modestos* que se não lembrem que Pimenta de Castro, Goulart de Medeiros e Machado Santos, elogiados por eles, haviam de sentir-se orgulhosos com o conhecimento de individualidades tão amantes do seu país...

Atitudes

Subordinado ao titulo — *Má politica* — o nosso presado coléga de Viana do Castélo, *A Vida Nova*, traz um éco assim no numero de 24:

> Já agora não largaremos este assunto — por amor á Republica, que queremos vêr sempre dignificada e não prostituida pelos maus actos de politicos sem escrupulo e que estão mentindo descaradissimamente ao seu passado.
>
> Toda a gente sabe que nós não temos filiação partidaria. Não a temos, nem a queremos. Admiramos o talento de um homem ilustre — o dr. Afonso Costa e gostâmos imenso, até agora, da sua orientação radical. Mais nada.
>
> Ora, sendo assim, como é, a nossa penna não deixará nunca de verberar escandalos, nem tão pouco de censurar os homens que parecem apostados em enlamear o regimen implantado na linda manhã de cinco de outubro de 1910.
>
> Ha dias referimo-nos aqui á creação de dois logares de inspectores consulares e, como não podia deixar de ser, condenamos esse imoral e criminoso procésso, no intuito de não concorrermos para desprestigiar a Republica e porque entendemos que os republicanos não devem enveredar por semelhante caminho. Não esqueçam que, no tempo da propaganda, sempre se opozéram á creação de logares novos para anichar afilhados.
>
> Portanto, por coerencia e para não atraiçoarem o seu passado, não devem consentir nessa imoralidade.
>
> Se este ou aquele prestou e presta ainda serviços á Republica com mira em recompensas, o melhor que teom a fazer é pôrem á margem todos esses *desinteressados patriotas*, que põem acima de tudo o estomago.

Toque, carissimo coléga, aperte bem estes ossos porque gostâmos de o ouvir falar assim.

Quer conversa

O orgão calino-evolucionista local mostra-se assaz desejoso de debicar comnosco como que a querer contribuir para aumentar ainda mais a série de asneiras que semanalmente distribue pelo reduzido numero de leitores que o aturam para desopilar o figado.

Deu-lhe p'ra bôa. O peor é que não temos pão cozido... Os anjos que lhe respondam, porque os serafins foram... á carqueja...

Necessidades de Aveiro

Já agora, visto falar-se tanto em melhoramentos que a câmara vai empreender, julgâmos ocasião azada para apresentar a lista completa do que esta cidade tanto carece e que, salvo erro ou omissão, vem a ser:

Abastecimento de agua potavel encanada segundo os mais modernos processos;

construção de esgotos de maneira a garantir aos predios sem quintal uma melhor higiene;

idem dum novo cemiterio visto o espaço de que dispõe o atual não chegar para os enterramentos normaes durante o ano;

idem dum matadouro moderno;

idem dum edificio para a Agencia do Banco de Portugal, atendendo a que já o possuem terras que muito menos lucros dão do que esta;

idem dum mercado, para que desapareça o *canudo* a que déram esse pomposo titulo;

idem dum chafariz que substitua a antiga fonte da praça;

idem dum hotel com as precisas comodidades onde os *touristes* possam encontrar o indispensavel ás suas exigencias;

idem dum quartel, aproveitando inclusivamente a egreja de Santo Antonio, no local escolhido já para esse fim;

idem dum edificio proprio para a capitanía do porto;

idem de sentinas publicas modeladas nas que se encontram nas principaes cidades do país;

abertura duma rua, larga e direita, que ligue a estação do caminho de ferro com a cidade;

mudança do tribunal e das cadeias civis;

alargamento da repartição dos correios e telegrafos;

idem do teatro conforme o projecto dos atuaes directores;

instalação do Registo Civil em edificio decente, com os requesitos indispensaveis a uma repartição désta naturêsa;

modificação de todas as dependencias camararias, dando-lhes maior amplitude;

prolongamento da linha ferrea até ao centro da cidade;

melhor luz e mais barata;

mudança das meretrizes para sitio isolado onde não perigue a moralidade;

aplicação da parte levantada da egreja da Vera-Cruz a qualquer obra util ou sua completa demolição, e

conclusão de tudo quanto esteja por acabar, herança das vereações transatas.

Claro que nem pela ideia nos passa que a atual municipalidade execute todo este vasto programa; no entretanto ele aí fica para que o possam estudar os que quizérem e estivérem nos casos de se ocuparem do engrandecimento de Aveiro.

O liceu

Álérta, aveirenses, em defêsa dos nossos direitos!

Parece que se fez silencio em tôrno da velha aspiração de vêr elevado a central o nosso liceu, sem duvida, um dos nacionaes de maior frequencia, e até de população escolar muito superior á de tantos centraes que no país existem.

Esta verdade pô-la bem a claro a representação que lo-

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte . . . . 2$50
Avulso $02

Anuncios

Por linha . . . . . 4 centavos
Comunicados . . . 2 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

go nos primeiros tempos do atual regimen a comissão administrativa do municipio aveirense, da presidencia do falecido cidadão Manuel Augusto da Silva, enviou para as instancias superiores e que teve o resultado que de todos é sabido e que só de muito poucos era esperado.

A atual vereação interessou-se tambem ultimamente pelo assunto, estando a sua efectivação pendente de haver quem cubra o aumento de despêsa que ele acarreta.

Não é de agora a lei que impõe ás camaras municipaes de todo o distrito a satisfação de tal encargo pecuniário; mas elas não teem querido o *gôzo* de semelhante *satisfação*, e se não fôr a camara de Aveiro, que positivamente não corre o risco de morrer afogada em milhares de escudos, o nosso liceu continuará nacional.

E querem os nossos leitores saber o que, em face da *novissima* reforma de instrucção é um liceu nacional? E' um liceu com quatro anos apenas de curso!

De maneira que vamos ficar peor do que estavamos, se não se cuidar a valer desta questão.

Os liceus vão passar a ter as seguintes denominações: *universitarios*, *centraes* e *nacionaes*. Só nos primeiros, que serão, provavelmente, os de Lisboa, Coimbra e Porto, se tira o curso completo de preparatorios para as escolas superiores; nos segundos, os *centraes*, professa-se o ensino até ao sexto ano; nos *nacionaes* ensina-se apenas até ao quarto.

Vê-se, pois, que, pelo que respeita a esta questão, Aveiro vai ficar peor do que estava, se não houver possibilidade de remover dificuldades e quiçá más vontades.

Urge não descurar o assunto, não dormir sobre o caso, e que estejam vigilantes todos aqueles aos quaes incumbe o alto dever de pugnar pelos nossos interesses.

Santarem, com a manutenção de cujo liceu na categoria ainda recente de central, se teem dado episódios vários entre o govêrno e a camara municipal citadina, agita-se, protésta com ardor, porque o seu liceu apareceu já baixado á categoria de *nacional* que ainda ha bem pouco tinha. Onde se estudavam os sete anos do curso, que agora são elevados a oito, nem com os cinco que possuia fica: terá apenas quatro!

Como terá o liceu de Aveiro, se o não fizérem central!

Como terá o liceu de Aveiro, se os aveirenses se deixarem ficar a dormir o sôno dos justos!

Como terá o liceu de Aveiro, se os nossos representantes no parlamento não defenderem, sem desfalecimentos, os nossos direitos!

Os nossos direitos, sim, porque Aveiro tem direito, como poucas cidades, a que o seu liceu não sofra tão inesperado e profundo golpe!

Mas chega-nos a noticia, já depois de escrito o que acima fica, de que os protéstos de Santarem estão a caminho de ser atendidos, continuando o seu liceu na categoria de *central*, a que havia sido elevado pelo governo provisório da Republica.

Santarem alimenta, pois, já e com entusiasmo, a esperança de que justiça lhe será feita.

Notem, porém, os aveirenses, que o liceu escalabitano, mesmo depois de elevado a central, não tem tido tal frequencia que o faça sobrelevar ao de Aveiro, na sua modesta e arquiológica categoria de *nacional*.

Procurarêmos demonstrá-lo aos nossos leitores, se conseguirmos as notas oficiaes de que carecêmos.

Mas Santarem está já na senda do triunfo.

Que sorte nos aguardará a nós?

Aqui deixâmos o nosso brado de alarme que soltâmos com toda a fôrça, para que todos o ouçam e se não fiquem a dormir traquila, beatifica, criminosamente diriamos se não nos animasse a esperança, a crença de que aquéles a quem dirigimos o nosso apêlo já a estas horas estarão de sobreaviso.

Mal nos iria se tal não sucedêsse!

Álerta, pois!

Os bravos de Naulila

Chegaram terça-feira, no *Africa*, o tenente Aragão e restantes companheiros a quem o povo de Lisboa acolheu condigna e entusiasticamente, como era de esperar.

Ao encontro do vapor foram muitas embarcações carregadas de manifestantes, atingindo a recepção uma extraordinaria imponencia no cáes das colunas onde se efectuou o desembarque dos prisioneiros libertados pelo general Botha.

O tenente Aragão foi levado em triunfo até ao ministério da guerra entre as mais vibrantes aclamações á Patria, ao exercito, á Republica e ao seu feito heroico, aclamações de que partilharam todos os companheiros do distinto oficial português, com ele feitos prisioneiros dos alemães por ocasião do desastre de Naulila.

Saudâmo-los tambem, no cumprimento dum dever que nos impéie para quem da Patria tanto merece.

Instituto Branco Rodrigues

Outro cégo de nascença que adqúire vista

A pedido do sr. dr. Lago Cerqueira, presidente da Câmara Municipal de Amarante foi para Lisboa, afim de ser admitido nésta instituição, o céguinho Manuel Ribeiro, de 10 anos de edade, natural de Canadelo, daquele concelho.

Antes de dar entrada no estabelecimento de ensino e de beneficencia, foi observado no Instituto de Oftalmologia, pelo sr. dr. Gama Pinto, que declarou que a creança era susceptivel de cura.

Ficou, por isso, internada naquele instituto, em 31 de maio, onde sofreu cinco operações, com tão feliz exito que recuperou a vista.

Saíu em 12 de agosto, completamente curado e regressou á sua terra natal.

Excursão a Aveiro

No ultimo numero do nosso coléga *O Imparcial*, semanario republicano que vê a luz da publicidade em Pombal, lê-se:

A direcção da Sociedade Filarmonica Pombalense, no intuito louvavel de engrandecer o nome de Pombal e proporcionar aos seus patricios um oportuno ensejo de visitarem uma das mais lindas terras portuguêsas, resolveu realisar no proximo dia 8 de Setembro, uma excursão á cidade de Aveiro, para a qual ha já vendidos inumeros bilhetes, achando-se os restantes á venda nos estabelecimentos comerciaes de Pombal e Soure.

A noticia da excursão foi recebida com um grande entusiasmo, que aliás se justifica, porque Aveiro, terra cavalheiresca e linda como poucas, bem digna é de encontrar quem aprecie os seus magnificos ovos moles e as suas galantes e sedutoras tricaninhas. Nós até lá iremos, e comnosco não só devem ir os rapazinhos bonitos que apreciam o belo sexo, mas tambem aqueles que, embora já sintam o pêso dos primeiros cabelos alvos, em festas de confraternisação e jornadas tão entusiasticas como esta, hão-de sentir o cançado coração remoçar para uma nova vida de alegria moça.

O comercio local encerrará nesse dia os seus estabelecimentos e os bilhetes custam: 1$10 em 3.ª classe e 1$60 em 2.ª.

Bom é que, conhecedores desta agradavel noticia, a câmara municipal, como representante da cidade, e as associações locaes, se preparem para receber condignamente os excursionistas, demonstrando-lhes quanto Aveiro se ufana com a presença dos seus hospedes pombalenses.

EMFIM, LIVRES!...

Comunicam-nos de Estarreja que aquele *perigoso inimigo das instituições* que os republicanos de lá se empenhavam por sacudir de oficial de deligencias da administração está agora ocupando o logar de zelador municipal, o que deve ser um grande alivio para os *separatistas*... de jogo encoberto...

O rapaz bem póde rir-se dos seus algozes, que tem razão para isso.

E se todos os republicanos fossem da coragem dos exaltados de Estarreja?!...

Registo Civil

O sr. dr. Daniel Rodrigues apresentou no Senado, de que é um dos mais ilustres membros, o projecto de lei que para aqui trasladâmos, e que, se chegar a ser posto em prática, muito hade contribuir para levantar no espirito do povo a fama que, desde o seu início, cérca os serviços que nessas repartições teem de ser desempenhados.

Está assim concebido:

Considerando que é necessário e urgente alterar e aperfeiçoar a legislação que estabeleceu e regula os serviços do registo civil, em satisfação de frequentes, geraes e fundadas reclamações, tenho a honra de submeter á apreciação e deliberação do Senado o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º — Fica o governo autorisado a melhorar a legislação vigente do registo civil nos restritos termos das bases seguintes:

1.ª—Será organisada uma nova tabéla de emolumentos de maneira a ser diminuida a sua importancia e barateados os serviços, especialmente em relação aos actos de registo mais necessários ou de caracter obrigatorio, bem como ás certidões extraídas dos respectivos livros. Poderão, comtudo, ser aumentados até ao dobro os emolumentos ou salarios que atualmente se cobram pelas dispensas e pelos actos do registo praticados na habitação dos interessados salvo *in articulo mortis* e outros serviços analogos. Definir-se-ha a condição de pobreza necessária para a isenção dos emolumentos, tomando-se para base o salario minimo dos operarios e trabalhadores.

2.ª — Serão estabelecidas regras tendentes a cercar os actos do registo civil, especialmente os de nascimento e casamento, da conveniente decencia e solenidade, tanto em relação ao recinto onde hajam de realizar-se, como em relação ao trajo e insignias dos funcionarios e ao formulario dos mesmos actos.

3.ª—Em cada bairro de Lisboa e Porto será o serviço do registo civil dividido por duas secções, formadas por dois grupos das respectivas freguezias. A 1.ª secção terá a sua séde na respectiva conservatoria e ficará a cargo do conservador, o qual continuará a desempenhar as funções que pela legislação vigente lhe são atribuidas. A 2.ª secção terá a sua séde na freguezia que as conveniencias da população indicarem e ficará a cargo de um oficial. O agrupamento das freguezias ou paroquias civis para a constituição das secções será feita de maneira que a população correspondente á 1.ª secção seja dupla da correspondente á 2.ª. O oficial do registo civil da 2.ª secção será o substituto nato do conservador do respectivo bairro.

4.ª—Serão classificadas pela respectiva lotação em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe as conservatorias e as repartições do registo civil, devendo a 1.ª nomeação dos respectivos serventuarios ser feita para a classe inferior, com direito a promoção ás classes superiores, quando requerida. Este quadro será organisado e publicado no prazo de seis mezes a contar da data dessa lei.

Art.º 2.º — O governo usará desta autorisação, publicando os necessàrios diplomas, até 2 de dezembro proximo, salvo o disposto na base 4.ª do artigo antecedente.

Art.º 3.º—Fica revogada a legislação em contrário.

Necrología

Bento Casimiro Feio

Num quarto particular do hospital de Lonrenço Marques faleceu o mez passado o major farmaceutico reformado, Bento Casimiro Feio.

Muito conhecido nésta cidade, donde era natural, aqui passou a sua infancia, que decorreu despreocupada e alegre, no meio dum numeroso grupo de amigos, como Artur Ravara, José Fernandes Melicio, Guilherme e Antonio Taveira, Caetano de Azevedo, Pinto Bambocha, João da Cunha, Domingos Leite, Manuel Cristo, José e Antonio Marques de Almeida, Francisco Antonio de Moura, padre Manuel Rodrigues Branco, João Romão e João Bernardo Ribeiro Junior, hoje proprietario da farmacia da rua Direita em que o major Feio praticou, seguindo pouco depois de ter completado o curso, para a Africa Oriental, que percorreu quasi toda, desempenhando, por vezes, dificeis comissões de serviço em que poz á prova os seus vastos recursos intelectuaes.

Bento Casimiro Feio era republicano e como jornalista colaborou tambem algumas vezes nas colunas deste jornal, escrevendo sobre assuntos coloniaes artigos que mereceram a honra da reprodução nos diários de Lisboa.

Tinha 61 anos, feitos em Janeiro, e a ultima vez que veio a Aveiro foi em 1900, não demonstrando que até então o clima africano lhe tivésse abalado a saude. Só se queixava do frio e a proposito contava inumeras anedotas, engraçadissimas todas élas, porque tudo quanto o major Feio dizia tinha espirito, uma infinita *verve*, que os seus amigos apreciavam quando reunidos em animada cavaqueira.

Posto que ha muito afastado désta cidade, temos a certêsa que esta dolorosa noticia, chegada ao nosso conhecimento por intermedio do confráde *A Patria*, que se publíca na Beira, hade penalisar os que ainda se lembram do ilustre e saudoso aveirense e por ele nutriam aquéla simpatía devida aos verdadeiros homens de bem.

A toda a familia enlutada, mas especialmente a seu filho Raul Feio, dignissimo Tesoureiro da Companhia de Moçambique, e irmão Elisio Filinto Feio, o *Democrata* envia a expressão sentida das suas condolencias, lamentando sincéramente a perda do velho amigo e convicto democrata.

* *

Tambem em Abrantes deixou de existir a esposa do sr. João Corrêa Chambel e sogra do antigo assinante deste jornal, sr. Manuel Angeja, agente da Companhia dos Tabacos.

=Nésta cidade um sobrinho do sr. João da Graça, a quem, como ao sr. Manuel Angeja, apresentâmos os nossos pêsames.

Bibliotéca

Junto da Inspecção do Circulo Escolar de Aveiro acaba de ser fundada uma bibliotéca circulante para professores com o fim de promover o desenvolvimento intelectual dos seus associados e dar o maximo auxilio á resolução de problemas pedagogicos.

A primeira direcção para 1915-1916 (ano lectivo) é composta do sr. Domingos Cerqueira, presidente; D. Maria de La Salette Ferreira da Maia, secretário; Alberto Casimiro, tesoureiro e dos vogaes: Luiz de Oliveira de Miranda Rocha, de Aveiro; José Maria Rodrigues da Costa, de Estarreja; Emidio Gomes Pereira Leite, de Ilhavo e Joaquim da Rocha, de Vagos.

Estão já aprovados os respectivos estatutos.

Epilogo

Consorciaram-se logo a seguir á sua prisão, no bairro piscatorio, a menina Natália de Lemos, filha do proprietario da barbearia da Praça Luiz Cipriano, sr. Antonio de Lemos, e o estudante José Domingos Cravo, seu raptor, terminando por esse facto as desavenças a que deu logar a odisseia dos dois pombinhos.

Mil venturas.

Notas mundanas

Com curta demora esteve nésta cidade o nosso velho amigo e conterraneo, dr. Antonio do Nascimento Leitão, distinto medico residente em Lisboa, onde possue consultorio.

Partiu para as termas de S. Pedro do Sul em companhia de sua filha, o sr. Teixeira Botelho, muito digno tesoureiro pagador do ministério do Fomento no distrito de Aveiro.

Retira brevemente para Coimbra com sua familia, onde vai fixar residencia, o sr. major Pires Moreira.

Acha-se atualmente em Matadi, Congo Belga, de cuja localidade escreve uma cativante carta ao Democrata, *que muito lhe agradecemos, o sr. José Simões da Silva, de Macinhata do Vouga.*

Voltou dos Açôres a esta cidade afim de passar com os seus a licença que lhe foi concedida, o sr. Luiz Moraes, escrivão de direito na Ribeira Grande.

Vindo de Entre-os-Rios deve chegar ámanhã a Ilhavo, seguindo depois para a Costa Nova, o sr. Antonio dos Santos Vitor.

Tambem já se encontram nésta praia os srs. Antonio Brito de Rezende, socio da fabrica de lixa Luzestela, *Carlos Mendes e Andrade Sampaio, escrivão de direito em Vagos.*

Fez exame do 2.º gráu, obtendo uma distinção, o menino Lutéro Correia da Rosa, filho do nosso amigo João Rosa, aspirante dos correios, a quem felicitâmos e ao moço estudante.

Estivéram nésta cidade os srs. José Lopes de Matos, de Taboeira; José Marques da Costa e José Rodrigues Ferreira, que viéram de Lisboa passar alguns mezes á Costa do Valado; Manuel Silvestre, de Nariz e Manuel Francisco Braz, da Povoa.

Foi pedida em casamento para o nosso bom amigo Octavio de Pinho a sr.ª D. Judith Lopes Brandão, natural de Ovar.

O enlace realiza-se por todo o mez de outubro.

LIVRO

Do sr. Acacio Rosa recebemos um pequeno volume de 32 paginas intitulado—*Pescando uma Perola*—que encerra um discurso do sr. Bispo de Angola e Congo, proferido no dia 25 do mez ultimo na capéla de S. Tomé de Verdemilho, privativa da casa do oferente, que o faz acompanhar duma explicação prévia.

Os nossos agradecimentos.

Escola de Ensino Normal

Na secretaría désta Escola, recebem-se de 1 a 30 de setembro requerimentos para exame de admissão á frequencia do curso da mesma.

Os candidatos devem juntar ao requerimento os seguintes documentos: certidão de edade, certidão do exame do 2.º gráu, certificado do registo criminal e atestado de vacinação.

Tourada

Realiza-se depois de ámanhã, em Espinho, a primeira da época, que é dedicada aos visitantes aveirenses que ali vão em excursão promovida pela *Sociedade Recreio Artistico*.

A avaliar pelos programas, promete ser bôa.

Bôdo aos pobres

A comissão promotora da festa para solenizar o restabelecimento do sr. dr. Afonso Costa deliberou adiar para 5 de Outubro o bôdo aos pobres que tem em vista distribuir, juntando-o á comemoração desse dia de regosijo para a grande familia republicana.

Num arraial

—=(*)=—

Maltezes provocadores—Scenas de vandalismo—Pauladas que ferem e matam

No proximo lugar de S. Bernardo era no domingo dia do orago da terra, motivo porque os moradores prepararam, na fórma do costume, o competente arraial da vespera com musica, fogo e iluminação, dando principio aos tradicionaes folguêdos aí por volta das 21 horas em que começou a afluencia de povo junto á capela.

Tudo corria na melhor ordem e harmonia, mas a alturas tantas, varava já da meia noite, eis que surge um grupo de avinhados maltezes da Quinta do Picado e Quintãs que logo começou por destruir as ornamentações com os varapáus de que vinha munido, partindo vasos, rasgando bandeiras, na mais provocadora das atitudes que a ninguem ofereceu duvida qual a intenção de que vinham animados os autores de semelhante selvagería. Para evitar, porém, um conflito gràve, os habitantes de S. Bernardo, gente pacata, ordeira, foram retirando cada um para sua casa mesmo porque os mariolas já haviam molhado a sôpa, agredindo, entre outros, Gabriel da Silva Valente, Manuel Rodrigues Branco Leiro e Francisco Martins, o *Pisco*, que delicadamente, com palavras sensatas, se dirigiram em termos conciliatorios aos provocadores. Mas felizes deles que não tivéram a mesma sorte que estava reservada a Francisco das Neves, sèrralheiro mecanico muito considerado por todos os habitantes do logar e que, não sabendo o que já se tinha passado, quiz tambem vêr se o grupo não continuava na prática dos disturbios, admoestando os mais exaltados. Pois o resultado foi agredirem-no com tamanha violencia que o pobre homem não poude resistir aos ferimentos recebidos, vindo a falecer no hospital logo após os primeiros curativos que se verificou atingirem a maxima gravidade.

Francisco das Neves, solteiro e com 43 anos de edade, era geralmente estimado por todo o povo, que hoje deplora o triste fim que têve, reclamando das autoridades justiça em nome da segurança individual, que não póde estar á mercê de facinoras como os que interviéram nos lamentaveis acontecimentos de S. Bernardo, onde a impressão causada por eles é ainda hoje viva, intensa, dolorosa.

Na policia trata-se do apuramento das responsabilidades, achando-se a contas com éla alguns dos indigitados malandrins sobre quem recáem fundas suspeitas de terem *sido* os causadores de tudo quanto se deu de anormal na noite de sábado para domingo e de cuja lista fazem parte os seguintes nomes: Luiz da Silva Vareiro, o *Rôla*, das Quintãs; Francisco Rodrigues de Oliveira, o *Tailé*, idem; Antonio da Cruz, idem; Primo Nunes Eugenio, o *Cós*, idem; Manuel Francisco da Silveira, da Quinta do Picado; Antonio dos Santos, idem; Maximino Simões Ratola, idém; Alfredo Nunes Bastos, idem; Antonio Ferreira Balcão, idem e Manuel Francisco Neto, o *Cipriano*, de S. Bernardo.

Claro que destes nem todos se pódem considerar cumplices das selvagerias praticadas; mas o que certamente a policia não deixará de averiguar é quaes sejam os principaes desordeiros para que a justiça se pronuncie castigando-os com severidade para que de futuro se não repitam as scenas canibalescas que este ano assinalaram o arraial de S. Bernardo.

Expedição militar a Moçambique

Dum oficial superior que faz parte das tropas expedicionarias a Moçambique, recebeu em Lisboa uma carta um amigo, que a facultou, e da qual foi publicada as seguintes passagens:

«... Tu sabes bem que eu sou incapaz de afirmar uma coisa em vão e, por isso, acreditas na minha sinceridade: 1.º que para se conseguir alguma coisa sm Africa com tropas bravías é imprescindivel que élas entrem logo em luta, não deixando que percam resistencias; a expedição está em inacção, aqui parada, ha oito mezes!

2.º A percentagem de doentes (impaludismo, anemias, etc.) é enorme e os barracões-hospitaes que comportam cêrca de 200 homens estão sempre cheios, sendo vulgarissimo não haver onde receber os doentes.

3.º O numero de evacuações para Lourenço Marques e Lisboa é grande tambem. Ha aqui dois vapores mensaes e cada um nunca leva menos de 30 a 40 homens incapazes.

O 3.º batalhão de infanteria 15 tinha, se me não engano, 1.030 homens; tem agora 800!

4.º A alimentação, os alojamentos são insuficientes como já tive ocasião de mostrar aqui oficialmente e por isso os homens abatem. Para se viver em Africa é necessário conforto e não se póde viver peor do que se vive na Europa.

5.º O numero dos convalescentes, de dispensados de serviços, é tambem grande e isso em prejuizo dos menos fracos. E' para notar que o serviço até agora tem sido apenas da guarnição apesar de lhe chamarem serviço de... campanha.

6.º Se esta gente, neste estado, tivér de fazer uma marcha sem alimentação suficiente, sem agua potavel, sem ter onde dormir (e não se fazem outras marchas em Africa) não chega ao fim, se é que fôr apta para principiar.

7.º Uma expedição, nestas condições, não é uma força com que se conte; é um cancro que suga centenas de contos.

E basta isto. Diz-me se em vista do que vez (eu dou-te a minha palavra de honra—ainda a tenho—em que tudo isto é verdade) é possivel, é humano, é patriotico conservar esta gente aqui por muito tempo?

Talvez seja censuravel, como o fez a Junta Revolucionaria num seu manifesto, tirar daqui uma expedição, não a redendo por outra, mais ou menos. Não sei. Mais censuravel è, porém, se se conservar esta *troupe* de invalidos e aleijados para aqui, ao desamparo.

Como se vê tanto dum lado como doutro, no continente africano, as cousas contrabalançam-se para honra e gloria de nós todos!...

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

PELA GUINÈ PORTUGUÊSA

—=(*)=—

Mais um heroe, em Bissau, que ha a registar nos anaes da nossa historia

E' ele, segundo informações firmadas, o capitão Teixeira Pinto que, sendo comandante duma coluna, quasi sem dispendio para o Estado, bateu e submeteu os rebeldes Papus que tanto e tanto teem dado que falar. Bateu-se heroicamente em prol do nosso patrimonio colonial fazendo fluctuar a bandeira rubra e verde, simbolo da Patria, redimindo-a naquélas paragens insubmissas. Mais um feito heroico para o exercito colonial cuja reorganisação tem sido deitada ao olvido o que bastante prejuizo tem causado. A nossa Patria tem que saudar esse denodado e patriotico oficial bem como todos aqueles que fizéram parte da coluna.

Em nome deste liberal povo e por intermedio do conceituado jornal *O Democrata*, campeão da Liberdade e da Justiça, aqui venho patentear a mais merecida e sincéra homenagem áquele ilustre oficial e a todos que tomaram parte na refrega, que tão nobremente elevou o nome português por aquelas plagas africanas e que prestigiosamente se honram a si e á corporação a que pertencem. Egualmente não deixo de testemunhar o meu eterno reconhecimento para com o sr. Manuel Antonio de Oliveira, bemquisto comerciante em Bissau, e nosso conterraneo, por ter mandado distribuir por os pobres do jornal *O Radical* a quantia de dez escudos para festejar o feito heroico, reconhecendo que os seus sentimentos patrioticos, já revelados, são essencialmente puros e fazendo votos para que tambem não se esqueça dos pobres deste logar e seus conterraneos.

Para terminar: Oxalá que estas simples e singelas linhas, que a minha pobre e sincéra alma lhes dedica, sirva de pequena pedra no monumento de gratidão que religiosamente devemos levantar a todos aqueles que enaltecem o nome português em Africa.

Pinhão, O. de Azemeis, 17.

Cohomam

CARTAS DUM EXILADO

Ao padre Firmino Marques Tavares

(Continuação)

Contudo—infeliz sorte que te arrojas a quereres-me acompanhar eternamente—a minha escolha na carreira da vida que eu devia seguir, foi um laço traiçoeiro, armado por um *insigne varão*, que de humano só tem a hipocrisia, a mentira, a traição e a malvadez.

Pensei, refleti na minha vida, e decidi declarar a meus paes que desejava seguir a carreira eclesiastica, carreira esta que me parecia agradavel e mesmo conveniente.

Lutei com grandes dificuldades para convence-los de que a minha vocação era verdadeira e angelical, e que, apesar de creança, como era, Deus me havia chamado para o servir na sua missão de evangelista.

Ilusão. Porque naquela edade, a nossa razão não pensa e raciocina sem um auxilio superior, que avalie bem o quid das cousas, e distinga perfeitamente onde está o bem e o mal, a verdade e a justiça.

Joven ainda, sem o abrigo materno, conhecer num seminario novos irmãos e diferentes superiores, separado do lar, enclausurado numa prisão dois, tres mezes, e ás vezes quatro—cousa horrivel de se contar!

Foi meu coadjuctor um bom padre, cumpridor eximio dos seus deveres eclesiasticos, que me dispensou todos os carinhos e conselhos, proprios dum pae idolatrado.

Acompanhou-me sempre na desventura, guiando-me com os seus passos varonís; sempre obediente o acompanhei, enquanto não me enlaçaram e impediram a carreira maldita que encetei.

Em outubro do ano já referido, dirigi-me ao Seminario dos Carvalhos, situado entre montes e rodeado de muros tão altos que quasi se perdiam de vista.

Entrava-se por um enorme portão, todo chapeado, sobre o qual havia uma sinêta, que servia para anunciar a chegada de alguem. Ao toque desta aparecia o porteiro, homem esguio e magro, de olhos grandes, nariz adunco e bluza azul. Logo a seguir um largo claustro, e situado da parte direita o refeitorio e cozinha, e da parte esquerda uma porta que dava para um dos recreios, que se denominava de S. Luiz. Havia ainda entre o claustro e a dita porta uma escada, que nos levava ao segundo andar, no cimo da qual era o escritorio do Vice-Reitor, director do seminario, e em seguida a este, encontrava-se a sala de recepção do Reitor, D. Antonio Barrozo, Bispo do Porto, que amiudadas vezes nos visitava.

Esta era magnificamente tapetada, conservando em quadros, suspensos nas paredes, grupos de estudantes e superiores dos principios da fundação desse carcere, que, como veremos, não era senão uma casa de jesuitas.

Fronteiro ao escritorio, deparava-se com um corredor, no qual viviam o director espiritual com alguns professores, corredor esse em que, principalmente á noite, se cruzavam confusamente, fazendo as suas rezas em grossos *breviarios*.

O extremo deste era atravessado por um outro enormissimo corredor, extenso como a vista, no qual eram os quartos dos estudantes, e na extermidade do sul cruzava um outro menos extenso, que dava para uma rica bibliotéca, munida de todas as obras dos principaes autores classicos, onde estava tambem o gabinete de fisica, que era um bom passa-tempo dos estudantes briosos.

No centro do extenso corredor, havia uma capéla, sempre muito bem ornamentada, principalmente depois duma compléta reforma. Sob este corredor havia um outro, correndo paralélo e com as mesmas dimensões.

Em cada canto destes havia os quartos dos monitores, que eram uns segundos prefeitos, e a seguir os dos prefeitos, espiões celebres dos pobres estudantes. Os prefeitos eram quatro e cada um era conhecido pelos seguintes nomes, segundo os modos carateristicos porque se tratavam: *prudencia, justiça, fortalêsa* e *temperança*.

(Continua)

Pará, 18 de Julho de 1915.

Avelino d'Almeida

O asilo em festa

Decorreram, como era de supôr, explendorosas, as festas de domingo, promovidas por uma comissão de antigos internados do Asilo-Escola, em nome da qual foi oferecida aos novos uma rica bandeira de seda branca, primorosamente bordada a matiz pela sr.ª D. Otilia Loureiro, a quem já tivémos ensejo de nos referir, louvando-a pelo seu apreciabilissimo trabalho, tão justa e encomiasticamente elogiado agora, depois de exposto ao publico.

Houve sessão soléne, em que fizéram uso da palavra vários oradores, seguindo-se os restantes numeros do programa, entre os quaes uma parada de ginastica sueca cujos exercicios os rapazes executaram com inexcedivel precisão e agilidade.

O edificio asilar foi durante o dia muito visitado, tendo vindo assistir á festa alguns dos seus primitivos educandos ora espalhados por vários pontos do país, que se mostraram bastante satisfeitos pela maneira como encontraram modificada a casa que lhes serviu de arrimo e onde receberam educação e ensino.

A' noite teve logar um festival no jardim, abrilhantado pela Banda do Asilo e o Rancho Infantil, que se fizéram ouvir com agrado até perto das 24 horas retirando após ter-se procedido ao sorteio de um almofadão em beneficio do Corpo de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes.

* * *

Como complemento désta noticia devemos acrescentar que foi notoriamente reparado que as duas secções do Asilo não assistissem á sessão soléne para a qual era facil preparar uma sala das maiores, visto que as creanças estava naturalmente indicado que participassem desse acto de ligitimo interesse para élas.

Não aconteceu, porém, assim e já agora não ha volta nenhuma a dar-lhe.

Marco fontenário

Defronte do quartel de cavalaria 8 inaugurou-se no domingo o marco fontenário ali construido a expensas da Câmara e cuja necessidade de longa data se fazia sentir em todo o populoso bairro de Sá.

Houve por esse facto várias demonstrações de regosijo.

Por Aradas

Em reunião da Junta de Paroquia é aprovada uma importante moção

Continua em cheque o padre Pato, vigario da freguezia das Aradas, limitrofe désta cidade.

A Junta de Paroquia voltou de novo a reunir e como quer que tivésse de se ocupar de assuntos administrativos, terminou os seus trabalhos, aprovando a seguinte

MOÇÃO

Considerando que consta ter havido desvios de importantes quantias do cofre da Junta durante a presidencia do vigario da freguezia, Antonio dos Santos Pato;

Considerando que para encobrir esses desvios se deu como paga a quantia de 20$00 pela compra de areia para a fatura dos adobos para a residencia paroquial, quando esses adobos foram feitos com a areia arrancada nos areeiros da Junta;

Considerando que, com o mesmo fim, se deu como paga a quantia de 32$00 pelo transporte dos ditos adobos, quando os mesmos foram feitos no proprio local onde foram gastos;

Considerando que ainda com o mesmo fim se deu como paga ao cidadão José de Almeida Vidal a quantia de 72$00 pela compra de traves e barrotes para a residencia, quando este cidadão nunca vendeu á Junta nenhuma madeira, nem déla recebeu qualquer quantia;

Considerando que as referidas traves e barrotes foram oferecidas gratuitamente á Junta por vários paroquianos, como toda a freguezia muito bem sabe;

Considerando que sempre com o mesmo fim de encobrir os referidos desvios a Junta da presidencia do sr. vigario mandou substituir a telha da egreja paroquial por telha do sistema de Marselha, vendendo a antiga por mais de 45$00 e não dando conta nenhuma désse quantia;

Considerando que o mesmo vigario deu gratuitamente a Antonio Nunes Piolho, já falecido, lavrador, do Bomsuccesso, uma facha de terreno publico em frente da sua propriedade, denominada o serrado, situada em frente do Poço dos Adobeiros no referido lugar do Bomsuccesso, facha de terreno que tinha sido avaliada em 60$00 e ainda hoje se póde vêr por onde parte embora esteja vedada por um muro;

Considerando, finalmente, que figuram como gastas na construção dum cemiterio para os não catolicos quantias exageradissimas, que logo á primeira vista resalta a sua falsidade,

A Junta delibera pedir ás instancias superiores que seja feita aos seus antecessores uma sindicancia afim de se apurar as respectivas responsabilidades, e averiguar muitas outras irregularidades que sería oneroso inumerar.

CORRESPONDENCIAS

Ois da Ribeira, Agueda, 22

Na pretérita correspondencia não chegamos a tocar num ponto primordial pela falta de espaço com que sempre luta *O Democrata*, mas temos hoje ocasião.

Queremos referir-nos á Cultual desta freguezia, que apesar dos esforços do masmarro, está habilitada a legalmente se apossar da administração dos bens do Estado que ilegalmente estão sendo administrados por *Masmarro & C.ª*.

Toda a gente sabe que o 14 de Maio veio anular os decretos ditatoriaes; ipso-facto, as cultuaes dissolvidas por taes decretos não devem deixar de funcionar.

Mas porque não funciona a cultual de Ois? Que respondam os corpos directores.

Nós não sômos dos que precisam de recorrer ao masmarro para a prática de qualquer acto religioso. Não. Mas tambem não sômos dos que desejam que sé expulse o *rapazote* simplesmente porque não concordâmos com as suas ideias religiosas e com os dogmas da sua religião. O que desejamos é que se faça o dito masmarro entrar na ordem, trabalhando no seu

campo religioso de acordo com as leis da Republica.

Não será possivel realisar-se tal desideratum?

E' até muito facil.

Está legalmente constituida a cultual, se não nos falha a memoria. Se não funciona é porque os seus membros directores não querem. A propria autoridade concelhia oficiou pouco depois do 14 de Maio ao presidente da cultual autorisando-a a tomar imediata posse da administração dos bens do Estado, sem mais formalidades.

Ora, para a cultual a administração desses bens, é claro que o masmarro tinha de entrar nas regras do bom viver. Podia continuar a confessar as suas beatas, a dizer a missinha para quem a quizésse ouvir, mas debaixo das leis da Republica. Devem, talvez, alguns ingénuos, que ha ainda nesta freguezia, julgar que sômos caluniadores. Não.

Nós queremos afirmar bem alto que o masmarro tem sido um grande inimigo da Republica e que precisa por conseguinte de um apertozinho até vêr e depois se fôr preciso apertar-se-ha mais, para que não ande tão á solta...

Na proxima semana demonstraremos que ele tem sido e continua a ser um terrivel inimigo do regimen.

= Esteve entre nós com pouca demora o nosso amigo sr. Amadeu Soares.

= Fômos informados no passado dia 12, de que o nosso amigo Franklin Soares Pinheiro, tinha, num acto de desvairamento, assassinado, no Rio de Janeiro, o tio de uma menina que estava sua noiva, por este se opôr ao casamento.

Ao seu pae e ao seu irmão a expressão do nosso sentimento.

Zé d'Ois

Oiã, 12

(*Retardada*)

Não se calcula a mágua que sentiram os *talassas* de cá ao terem conhecimento pelos desenvolvidos relatos dos jornaes diarios das progressivas melhoras do eminente estadista sr. dr. Afonso Costa.

Após o lamentavel desastre que sua ex.ª sofreu e que tanto entristeceu os bons e leaes republicanos, os reaccionarios impavam de regosijo taes os sentimentos de que são dotados, o rancor que votam ao inegualavel politico português. Mas de nada valeram as préces realisadas por impenitentes inimigos do regimen, que tinham prazer em que Afonso Costa não voltasse á vida activa da politica, tão cérto é o ditado que diz que *vozes de burro não chegam ao céo* e sandices nunca foram executadas porque são... sandices.

Graças a Deus, Afonso Costa vive e viverá para honra desta Patria.

= Os lavradores estão contentissimos com as colheitas, que este ano teem sido excelentes.

C.

Comunicados

—(*)—

UM PADRE MODELO

(Leves traços da sua biografia)

(Continuação)

O *sandeu* do padre Massadas, esse *execrando sacerdote*, com os membros entorpecidos pelo excesso do alcool, de que tem sido um verdadeiro consumidor, em conferencias que tem tido com gente da sua grei, espalha aos quatro ventos que nunca foi inimigo de Martins Alberto!

O *réles bisbilhoteiro* que só o tem atraiçoado, anda agora arrependido dos vituperios que tem proferido e a rastejar em busca dum lenitivo para suavisar o seu coração ferino e para que Martins Alberto lhe não descubra os vicios. Mas não o poupo. Para que os leitores apreciem as bélas qualidades de padre Massadas, que aliaz, pertence a uma familia nobre e honrada, sendo désta um degenerado, vou relatar-lhes, em bréves palavras e sem melindre para a classe, onde me preso ter homens de toda a probidade, algumas das depreciadas acções que só a creatura mais baixa, mais asquerosa e mais depravada, comete: obriga, de combinação com outros *lacáios*, a sair de sua casa a mãe de Martins Alberto e a passar esta a residir em casa duma cunhada com o unico fim de ali receber bons proventos para continuar a ofertar ao padre que—ó cumulo da malvadez!—soube incutir no animo dos seus paroquianos, geralmente incultos, que o Martins Alberto expulsara de sua casa a mãe!!! Ora esse *enojoso* padre, esse vergalho que, paulatinamente, foi ensandecendo a pobre e bôa Maria de Jezus, não devia ser castigado com um bom arrocho, com um bom cavalo marinho ou com um grosso marmeleiro? Devia.

Mas. . não. E' digno de dó!

O que o leva a isso é uma simples questão de orgulho criminoso e que ha de ficar-lhe bem cáro.

O castigo que ele merece ser-lhe-ha aplicado pelo seu superior, o revd.mo prelado, depois de eu lhe relatar como padre Massadas profana as leis da Egreja, o que não é admissivel—perante o rebanho que pastoreia.

Nariz, 25 de Agosto de 1915.

Um explorado

Anuncios

Câmara Municipal de Agueda

Concurso

Por deliberação da Câmara Municipal do concelho de Agueda se faz publico que se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias, contados da segunda publicação deste no *Diario do Govêrno*, para provimento de um lugar de zelador fiscal em todo o concelho, encarregado de fiscalisar o fiel cumprimento das respectivas Posturas Gerais e especialmente na parte respeitante aos mercados, jardins, largos, ruas e mais lugares publicos da vila d'Agueda. Este empregado municipal terá o vencimento anual de 120$00 além de metade do produto das multas que fôrem aplicadas, e se cobrarem, por sua diligencia, em todas as paroquias do concelho, com excepção da d'Agueda.

Os concorrentes ao sobredito lugar deverão dirigir ao Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal e apresentar na Secretaría da Câmara, dentro do referido praso, os seus requerimentos, por eles escritos e assinados e devidamente reconhecidos por notario, instruindo-os com documentos pelos quais provem:

1.º—Ter mais de 21 e menos de 30 anos de idade;

2.º—Estar livre de culpas;

3.º—Ter satisfeito ás leis do recrutamento militar;

4.º—Ter bom comportamento moral e civil, devendo os respectivos atestados ser passados pelas câmaras municipais e autoridades policiais dos concelhos em que tivérem residido nos ultimos tres anos;

5.º—Saber lêr, escrever e contar, devendo o respectivo documento comprovativo ser passado por professor oficial de instrução primaria devidamente reconhecido por notario que certifique a identidade do mesmo professor.

Em igualdade de circunstancias será preferido o concorrente que prove ter já prestado serviços municipais de identica ou analoga natureza, ou ter sido praça do exercito ou guarda civico com exemplar comportamento.

Agueda e Secretaría da Câmara Municipal, 26 de Agosto de 1915.

Eu Casimiro de Oliveira Bastos, chefe da Secretaría, o subscrevi.

O Presidente da Comissão Executiva,

Joaquim Pereira Soares

Junta Administrativa das Obras da Barra e Ria de Aveiro

ANUNCIO

Fáz-se público que no dia 6 de Setembro, pelas 12 horas, se procederá á arrematação, por meio de propostas em carta fechada, da limpeza do Esteiro de Esgueira.

A arrematação terá lugar na Secretaría da Direcção, sita na rua da Corredoura, n.º 18, désta cidade, onde se pódem examinar, em todos os dias uteis, o modêlo das propostas e as condições do concurso.

Aveiro, 24 de Agosto de 1915.

O Engenheiro Director das Obras,

José Celestino Regala

Junta Geral do Distrito de Aveiro

Concurso

A Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito de Aveiro, fáz público que, nos termos do art.º 84.º da lei de 7 de Agosto de 1913, é posto a concurso público documental por espaço de trinta dias, a contar da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Govêrno*, o logar de chefe da secretaría da mesma Junta, com o vencimento anual de 360$00 e respectivos emolumentos.

Os candidatos deverão apresentar os seus requerimentos na secretaría da Junta Geral, até ao ultimo dia em que terminar o concurso, instruídos dos seguintes documentos:

Certidão de edade e certidões ou originaes das cartas de curso completo dos Liceus Centraes, ou carta de formatura em direito em quaesquer estabelecimentos scientificos do país, ou então, na falta déstes, diploma de qualquer curso superior ou especial, e além destes, os que se acham taxativamente designados nos numeros 2, 3 e 4 do art.º 2.º do decreto de 24 de Dezembro de 1892 e art.º 7.º do Regulamento de 23 de Agosto de 1911.

Aveiro e sala das sessões da Junta Geral do Distrito de Aveiro, em 14 de Agosto de 1915.

O Presidente da Comissão Executiva,

Antonio Maria da Cunha Marques da Costa